

***Hamlet sincrético* do Grupo Caixa-Preta:  
O espaço cênico não convencional como elemento dramaturgico**

Anna Stegh Camati

GT Dramaturgia e teatro: tradição e contemporaneidade

Programa de Pós-Graduação em Letras – UNIANDRADE

Professora Titular – Mestrado em Teoria Literária

Doutora em Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana

RESUMO: Com base em críticos que estudam as potencialidades do espaço cênico, este artigo investiga a interferência no espetáculo da historicidade impregnada em locais não convencionais que contribui para a alteração da percepção do espectador no ato da recepção. Ao escolher um espaço não convencional como o Hospital Psiquiátrico São Pedro para servir de palco para a encenação de *Hamlet sincrético*, o Grupo Caixa-Preta objetivou realizar um diálogo entre a historicidade do local e a realização cênica, agregando a carga semântica do prédio aos conteúdos temáticos do texto. As grades de ferro e as grossas paredes da edificação, com as marcas do sofrimento inscritas no reboco, trazem à mente as injustiças sociais perpetradas em nome das diferenças de gênero, raça, etnia ou classe social.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo Caixa-Preta, *Hamlet sincrético*, espaço não convencional, alteração de percepção.

O texto *Hamlet sincrético* (2005) é uma tradução cultural inspirada no *Hamlet* de Shakespeare que resultou de um processo de criação coletiva, e o espetáculo, dirigido por Jessé Oliveira, foi apresentado em espaço teatral alternativo pelo grupo Caixa-Preta, uma trupe formada por artistas negros em Porto-Alegre. Este ensaio objetiva discutir alguns elementos que foram ressignificados no processo de transculturação do texto shakespeariano e mostrar a importância da escolha do local da encenação, visto que as potencialidades do espaço condicionam a percepção do público e interferem na recepção do espetáculo.

*Hamlet sincrético* é uma apropriação/adaptação criativa, tanto no sentido pós-colonialista do termo, como no sentido mais geral popularizado pelas teorias da recepção. A reescrita do texto shakespeariano pelo grupo Caixa-Preta privilegia a perspectiva da cultura alvo que se torna o foco principal, utilizando a cultura estrangeira para seus próprios fins. Como ensina Peter Burke (2003, p. 91), a

apropriação/adaptação cultural pode ser analisada como “um movimento duplo de descontextualização e recontextualização” do texto canônico, gerando discursos políticos alternativos que implicam no questionamento e descentramento do legado cultural hegemônico. Reescrituras politizadas de obras canônicas fazem parte de um processo que valoriza a voz, a história e a identidade daqueles que foram explorados, marginalizados e silenciados por interesses e/ou ideologias dominantes.

Em *Hamlet sincrético*, os elementos da cultura afro-brasileira não somente assumem a função de metáforas que traduzem a narrativa da peça canônica para um novo contexto; eles também comentam, criticamente, a realidade de uma maneira diferente da tradicional discussão verbal sobre a negação da identidade e/ou exclusão social e racial. O Grupo Caixa-Preta assume a sua condição étnico-racial através do processo de recodificação do cânone literário e da inserção de elementos da cultura, história e linguajar dos afro-descendentes em território brasileiro.

Uma impressionante atmosfera simbólica é instaurada por meio da inserção de referências musicais de matriz africana e dos sambas-enredo, além da interpolação de cânticos religiosos do batuque e de elementos relacionados ao *rap*, à capoeira e a umbanda e seu sincretismo. O espetáculo privilegia o aspecto ritualístico, de inspiração dionisíaca; é uma experiência visceral com elementos de cruzeza, no sentido artaudiano do termo, que conduzem os espectadores a um envolvimento sensorial. Além da ativação dos cinco sentidos, a atmosfera de desassossego ainda é intensificada pela escolha do espaço cênico que abarca diversos segmentos do Hospital Psiquiátrico São Pedro em Porto Alegre: o pátio interno entre dois pavilhões desativados, os corredores escuros e sombrios pelos quais os espectadores são conduzidos à luz de vela, de onde vislumbram diversos cubículos, sem janelas e sem luz, e a ampla sala com diversas entradas e saídas onde se realiza o jogo cênico. No percurso em forma processional, pelos corredores estreitos, ouvem-se gemidos e gritos que geram ansiedade e um elevado grau de claustrofobia.

O espetáculo se inicia com uma personagem chamada Tranca-Rua, abrindo o imenso portão de ferro enferrujado da casa dos loucos por onde entram ele mesmo e o público. No pátio interno entre duas alas desativadas acontece o enterro de Ofélia, uma cena repetida com pequenas variações no início e no fim do espetáculo, sugerindo a circularidade ou recorrência de vivências e de injustiças sociais.

Em uma cena intitulada “Rap”, na qual Hamlet sonda os propósitos de espionagem de Rosencrantz e Guildenstern, o diálogo é travado na linguagem do *rap*; o mundo é descrito como uma cadeia, uma prisão com diversas celas e, o espaço cênico, o microcosmo que representa o macrocosmo é aludido como o pior cárcere de todos, ou seja, o local da encenação em si já encerra um discurso político.

A alusão, em discurso *rap*, ao mundo como uma prisão com diversas celas à imagem e semelhança dos cubículos da casa dos loucos, escolhida como lugar teatral, desencadeia um processo de associação na mente que altera a percepção dos espectadores. Trata-se da sobreposição e fusão de diversas especificidades que trazem a baila os elementos simbólicos implícitos no local: o hospital psiquiátrico é um marco arquitetônico que evoca, no imaginário cultural das pessoas, um passado que agrega uma série de significados negativos em função dos métodos ali utilizados para o tratamento dos loucos e não loucos encarcerados ali por serem inconvenientes para o convívio social. Assim como um presídio, um hospício sugere um ambiente de torturas, injustiças, crueldades, opressões e maus tratos.

As grades de ferro e as grossas paredes da edificação, com as marcas do tempo inscritas no reboco, trazem à mente os sofrimentos e as injustiças sociais perpetradas em nome das diferenças de gênero, raça, etnia ou classe social. Como afirma o diretor Jessé Oliveira, em um ensaio sobre espaços teatrais alternativos, se um grupo escolhe como cenário uma paisagem ou construção urbana pré-existente, esta será incorporada aos signos da montagem:

Deve-se pensar no que representa um determinado espaço antes de ser usado como local da representação cênica. Uma rua ou praça tem um uso e um significado social e cultural predefinidos, contudo, ao ser escolhido como lugar do acontecimento cênico, este ganha outros significados no imaginário do espectador e dos passantes. Outros lugares como prédios, pontes, igrejas e demais estruturas utilizadas eventualmente como espaço cênico também têm seus usos preestabelecidos, ganhando, mais tarde, novos significados. Grupos como o Teatro da Vertigem quando escolhem uma igreja, um presídio ou um hospital realocizam, em termos simbólicos, estes lugares. (OLIVEIRA, 2008, p. 22)

A incorporação da carga semântica de determinados locais, onde se realiza o espetáculo, aos signos da montagem tende a gerar energia e presença e, obviamente, também vai ocasionar uma alteração de percepção no espectador. De acordo com Evill Rebouças,

Se compreendermos o termo *dramaturgias* como uma somatória entre textos ditos e aqueles que se encontram entre as lacunas da encenação, podemos afirmar que a qualidade gerada pela carga semântica do espaço passa a responder por importantes discursos do espetáculo. O espaço historicizado contamina a encenação com uma espécie de metatexto. As cargas semânticas embutidas nesses locais passam então a fazer parte dos discursos dramáticos. Embora não estejam materializados pela palavra em forma de diálogos ou mesmo quando os autores não consideram certas especificidades em suas escritas, a percepção do espectador passa a impregnar-se de valores acerca do edifício público. (REBOUÇAS, 2009, p. 174-175)

Em busca da alteração de percepção, ao escolher uma ala desativada do Hospital Psiquiátrico São Pedro como lugar teatral, o grupo Caixa-Preta incorpora, desta maneira, a multiplicidade de significados e significantes desta instituição na construção da linguagem cênica. Essa mudança de foco pode ser associada à crise da situação de privilégio do texto dramático sobre o espetáculo, uma querela que surgiu a partir dos questionamentos das vanguardas históricas no início do século XX.

A exploração da estética do espaço, do Grupo Caixa-Preta, certamente levou em conta a energia e a historicidade do espaço que traz em seu bojo a presença do sofrimento dos que ali permaneceram encarcerados, evocando lembranças que se encontram enraizadas na memória coletiva. O ato de apropriação do Hospital Psiquiátrico São Pedro como espaço cênico constitui-se em um arrojado posicionamento ideológico que se fundamenta na historicidade do espaço e interfere na dramaturgia e realização do espetáculo teatral. A carga semântica do prédio dialoga com os conteúdos temáticos do texto traduzido para a cena, evocando todo um passado de opressão sofrido pelos africanos e afro-descendentes no Brasil que redimensiona o assunto abordado na peça.

### **Referências bibliográficas**

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2006.

GRUPO CAIXA-PRETA. *Hamlet sincrético*. Criação coletiva a partir da obra *Hamlet* de William Shakespeare. Porto Alegre, 2005. (Texto inédito em mídia eletrônica).

\_\_\_\_\_. *Hamlet sincrético*. Criação coletiva a partir da obra *Hamlet* de William Shakespeare. Porto Alegre, 2005. (Registro do espetáculo em DVD).

OLIVEIRA, Jessé. Os múltiplos espaços da ação – um olhar sobre o lugar no teatro contemporâneo. *Revista Artesesc*, nº 3, 2008, p. 22-24.

REBOUÇAS, Evill. *A dramaturgia e a encenação no espaço não convencional*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.